



## GT 1: EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA E LITERÁRIA

### INTERGENERICIDADE LITERÁRIA EM LUCILA NOGUEIRA

André Cervinskis

#### RESUMO

Com forte personalidade feminina e dialogando com mitos e culturas de diversos lugares do mundo (França, Espanha, Portugal, Inglaterra, países escandinavos, México, América do Sul etc.), Lucila Nogueira é um dos grandes nomes da nossa Literatura nacional, reconhecida através diversos convites para eventos internacionais nos mais recônditos lugares (Houston, Macau, Medellín, Havana), objeto de artigos e livros (Cervinskis, 2008; Cervinskis, 2021; Cervinskis, 2023; Hoffmann, 2007) e uma dissertação acadêmica (Hoffman, 2007), além de ensaios literários em revistas eletrônicas e impressas, nacionais e internacionais. Este resumo tem por objetivo demonstrar que a poética de Lucila Nogueira é representada por múltiplas identidades, com feições multiculturais e globalizadas, através da mimetização de personagens. Isso é explicitado pela criação destes, que se baseiam nos gêneros lírico, épico e dramático, com seus desdobramentos nos gêneros contemporâneos, através do diálogo entre eles (intergenericidade literária). Nesse sentido, é uma autora que pode e deve ser usada para Educação Literária. Para demonstrar isso, analisaremos tais perspectivas com trechos do livro *Imilce* (2000). Teremos, como referencial teórico, Cervinskis (2008;2021;2023), Holanda (2015), Marcuschi (1008) e Staiger (1977). Para tanto, esboçaremos, numa introdução teórica, as principais relações teóricas entre gêneros textuais e literários clássicos, para depois determo-nos numa análise aprofundada das obras citadas.

**Palavras chave:** Intergenericidade literária; Teoria dos Gêneros; Lucila Nogueira.

#### INTRODUÇÃO

A teoria dos gêneros textuais relaciona-se aos gêneros literários clássicos, considerando a evolução das formas de comunicação humana e a adaptação dos textos às funções e práticas sociais. Enquanto os gêneros literários clássicos (épico, lírico e dramático) têm como base classificações estilísticas e formais que remontam à Antiguidade. Assim, os gêneros textuais são categorias mais abrangentes e dinâmicas, vinculadas às práticas sociais e comunicativas. Sua origem remonta às reflexões de Aristóteles (*A Poética*), onde descreve o gênero épico (narrativo), o lírico (expressão subjetiva) e o dramático (representação cênica). Estes gêneros são delimitados por critérios estilísticos, temáticos e formais.

Nesse sentido, essa teoria enfatiza a funcionalidade e a interação com os contextos comunicativos e sociais (por exemplo, cartas, e-mails, receitas, editoriais, etc.). São compreendidos como estruturas flexíveis, adaptáveis às necessidades comunicativas. Benedito Bezerra (2013), nesse sentido, define a Teoria dos Gêneros Textuais como um campo que estuda as formas de organização dos textos em função de seus usos sociais, destacando a interação entre linguagem e contexto. Corroborando essa conceituação, Bezerra afirma:

Os gêneros textuais devem ser compreendidos como instrumentos de interação que possibilitam aos sujeitos, em suas práticas comunicativas cotidianas, realizarem suas intenções e alcançarem objetivos específicos, adaptando-se aos contextos de uso e às mudanças sociais. (BEZERRA, 2013, p. 45)

Dessa forma os gêneros textuais, baseados na teoria apresentada, são baseados na interação social. Nos gêneros literários, também temos essa interação, só que em outra esfera, menos objetiva. Sendo o lírico voltado para uma expressão subjetiva, seu público é o leitor e sua recepção baseia-se na compreensão pessoal de cada pessoa que se depara com a respectiva obra através de um diálogo. No caso do gênero epopeico (narrativo, numa definição mais contemporânea), desdobrando-se daí o dramático, em que o público é o expectador de teatro, que interage com o artista através da catarse, isso é, o “expurgo” de sentimentos por meio da identificação com a história.

Nesse sentido, sua poesia precisa de um palco, de espectadores. Então, afirmamos que Lucila Nogueira, embora eminentemente lírica, assume, em suas obras, o gênero epopeico (narrativo e dramático) ao contar histórias e criar personagens, seja Imlce do livro homônimo ou a Dama de Elche em *A Dama de Alicante* (1991) ou *Ilaiana* (1997). Aí está a intergenericidade na obra luciliana.

Com esse intuito, vamos rever um pouco o conceito de mímese, aplicando a análise da obra **Imlce** (2000).

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

A mímese é um conceito que foi desenvolvido na Antiguidade, tanto por Aristóteles quanto por Platão. A observação e imitação da natureza (*physis*) pelo homem sempre foi, portanto, uma preocupação. Independentemente de que essa arte

fosse dirigida, essa “imitação” da natureza poderia ser idealizada como, em Platão, que, com sua lenda da caverna, esperava fosse melhorada sem imperfeições (simulacro). Aristóteles seguia uma linha mais realista, sem tanta contemplação. Esperava que o processo de observação resultasse numa cópia mais fiel da realidade (natureza). No jogo das representações, uma categoria estética age na apreensão e reflexão do objeto artístico e destaca a “relação subjetiva com o mundo objetivo e a dependência que um tem do outro” (SILVA, 2007, p. 23). Essa é a categoria cuja relação subjetiva concorre para o desvelamento do mundo pela mimesis. Assim, se imitação, cópia ou duplo, a mimesis intermedia parte do mundo com o sujeito-receptor, através do objeto artístico para realçar coisas, eventos ou fenômenos, antes não percebidos na natureza (SILVA, p. 24).

Por outro lado, o gênero epopeico, ou épico, tem suas origens na literatura da Antiguidade e é caracterizado por narrativas grandiosas, centradas em heróis que enfrentam desafios de grande escala e que, frequentemente, representam os valores e ideais de uma cultura ou sociedade. Mas a modernidade rompe com a grandiosidade homogênea do épico clássico, introduzindo a fragmentação e a subjetividade na narrativa. Em vez de heróis coletivos, que simbolizam a nação ou a cultura, surgem personagens comuns, vulneráveis, que enfrentam desafios existenciais ou psicológicos (HOLANDA, 2015a).

Mas, seja na epopeia clássica, seja na moderna, o conceito de mimesis continua determinante para o sucesso do gênero. A mímese é claramente aplicável à ficção: em se contando uma história (enredo), os personagens devem desempenhar papéis e diálogos que criem uma empatia (identificação) com o leitor. Em seus personagens, suas atitudes e diálogos devem enxergar um pouco de si, de sua realidade. Nesse momento, a mimesis completa-se. A ficção, nesse sentido, é o perfeito coroamento das concepções aristotélicas. No entanto, se passarmos a observar outros gêneros literários (a poesia, por exemplo), como reconheceremos sua aplicação? Como os gêneros epopeicos (narrativo na modernidade), trágico (lírico) e dramático relacionam-se na obra luciliana?

## 2 METODOLOGIA

Para demonstrar isso, analisaremos tais perspectivas com trechos do livro *Imilce* (2000). Teremos, como referencial teórico, os seguintes autores: Cervinskis (2008; 2021; 2023), Dionísio (2015), Holanda (2015), Marcuschi (1008) e Staiger (1977).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para esta análise, fixando-nos na fase inicial da obra luciliana, a mitológica, sustentada na memória histórica da humanidade. Relacionando mitos ou narrativas de sociedades tão diversas como a greco-romana, a judaico-cristã e a ibérica, Lucila Nogueira trabalha, extraordinariamente, as concepções de mímesis, através da ressignificação da epopeia, ao mesmo tempo em que mantém o lirismo. Em *Imilce*, ela realiza um canto epopeico ao narrar, em versos, a trajetória do general cartaginês Aníbal Barca, que, na Antiguidade, quase venceu os exércitos romanos que queriam conquistar Cartago (atual Tunísia, norte da África), dando voz à sua mulher, seu filho e sua mãe, personagens fictícios que não aparecem na História oficial.

O livro *Imilce* é lírico-epopeico-dramático, mostrando a situação feminina. A voz da mulher é esquecida da história antiga, sobrepujada pela de heróis que representavam os grandes feitos dos impérios. Dessa forma, Lucila dá voz não a Aníbal Barca, general cartaginês que atemorizou Roma, mas à sua esposa, Imilce, à sua mãe e até ao seu filho, pois esses, também, são seres desprovidos de voz e vez, na História.

Com base nisso, podemos afirmar que *Imilce* é poema-livro, de características híbridas. A autora faz um inusitado poema epopeico-lírico-dramático. Fala da dor das mulheres esquecidas por seus maridos e, antes, nas guerras. Desmascara os transtornos psíquicos, como a loucura ou alucinações, que acometem Imilce. Realiza, sem proselitismos, uma obra feminina e feminista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos, assim, que a poética de Lucila Nogueira é centrada na intergenericidade literária. Os gêneros lírico e epopeico-dramático inter-relacionam-se fortemente em sua obra. A poética de Lucila Nogueira é representada por múltiplas identidades, com feições multiculturais e globalizadas, através da mimetização de personagens. Isso é explicitado pela sua criação, que se baseiam nos gêneros lírico, épico e dramático, com seus desdobramentos nos gêneros contemporâneos, através do diálogo entre eles (intergenericidade literária).

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética* (Tradução de Eudoro de Souza). São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BEZERRA, Benedito. *Gêneros textuais e ensino: uma abordagem sociocomunicativa*. Fortaleza: Editora UFC, 2013.
- CERVINSKIS, André. *De Imilce a Medellín: a poesia de Lucila Nogueira*. Olinda: Livro Rápido, 2008.
- CERVINSKIS, André. *As Identidades Poéticas de Lucila Nogueira*. Recife: Nova Presença, 2023.
- HOLANDA, Haroldo de. *A racionalização do imaginário: uma leitura crítica das formas clássicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015a.
- HOLANDA, Lourival. Um giro através da noção de gênero em literatura. In:
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. São Paulo: Cortez, 2008.
- PLATÃO. *A República*. (Trad. Maria Helena da Rocha Pereira). 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- NOGUEIRA, Lucila. *Imilce*. Recife: Bagaço, 2000.
- SILVA, José Eduardo Rolim de Moura Xavier. *D’O Guarani a II Guarany: a trajetória da mímese da representação*. Maceió: EDUFAL, 2007.

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.